

## O uso da rede social *whatsapp*® como ferramenta de educação em saúde

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2024.22.2.8067>

Rosane Teresinha Fontana<sup>1</sup>, Giovana Wachekowski<sup>2</sup>, Marcia Betana Cargnin<sup>3</sup>, Carine Amabile Guimaraes<sup>4</sup>

**Resumo:** Buscou-se avaliar a contribuição do uso de uma rede social como ferramenta de educação para a prevenção de agravos e promoção da saúde. Pesquisa de abordagem qualitativa, norteadada pelo método netnográfico que teve como público-alvo, 21 estudantes do oitavo ano de uma escola privada de um município da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A coleta de dados foi realizada no segundo semestre do ano de 2019 e ocorreu em três momentos distintos, utilizando-se a ferramenta *Google Forms* e o aplicativo *WhatsApp*®. O estudo respeitou os preceitos da pesquisa em seres humanos. Dos participantes, 81% nunca havia participado de uma atividade de educação em saúde. A temática de maior interesse dos adolescentes foi Infecções Sexualmente Transmissíveis. As atividades de educação em saúde foram bem recebidas pelos estudantes, que foram participativos. A maioria relatou que a atividade foi importante para a sua aprendizagem e mais da metade afirmaram que buscariam o profissional enfermeiro para consultas e orientações, após esta atividade. Pode-se inferir que o *WhatsApp* pode ser utilizado pelos enfermeiros como uma ferramenta para aproximar adolescentes às atividades de educação em saúde.

**Palavras-chave:** Educação em saúde. Enfermagem em Saúde Pública. Mídias sociais.

### The use of the social network *Whatsapp*® as a health education tool

**Abstract:** We sought to evaluate the contribution of using a social network as an educational tool for disease prevention and health promotion. Qualitative approach research, guided by the netnographic method, whose target audience was 21 eighth-year students from a private school in a municipality in the northwest region of the state of Rio Grande do Sul. Data collection was carried out in the second half of the year 2019 and took place at three different times, using the *Google Forms* tool and the *WhatsApp*® application. The study respected the precepts of research on human beings. Of the participants, 81% had never participated in a health education activity. The topic of greatest interest to adolescents was Sexually Transmitted Infections. Health education activities were well received by students, who were participatory. The majority reported that the activity was important for their learning and more than half stated that they would seek out professional nurses for consultations and guidance after this activity. It can be inferred that *WhatsApp* can be used by nurses as a tool to bring teenagers closer to health education activities.

**Keywords:** Health education. Public Health Nursing. Social media.

### Introdução

A educação em saúde, segundo o Ministério da Saúde (MS), é entendida como um processo educativo para a população. Definida como um “Conjunto de práticas do

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES, CAMPUS SANTO ÂNGELO/RS <https://orcid.org/0000-0002-0391-9341>

<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-2174-0134>

<sup>3</sup> <https://orcid.org/0000-0002-3398-1592>

<sup>4</sup> <https://orcid.org/0000-0003-2889-0933>

setor que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores a fim de alcançar uma atenção à saúde de acordo com suas necessidades” (BRASIL, 2013, p.20), tem como foco, no atual panorama, o abandono das práticas sanitaristas biomédicas, visto que, em muitos cenários, ainda se observam práticas reducionistas, do tipo em que o profissional ensina e o indivíduo aprende, desconsiderando saberes deste último.

As redes sociais podem ser aliadas deste movimento, visto que são capazes de oferecer benefícios como a identificação de condições de risco, a socialização de informações e a transformação de comportamentos. Melhoram o contato, a comunicação e apoio às pessoas com dificuldades comuns e, além disso, podem ser um método acessível para a participação em pesquisas e úteis na divulgação de assuntos nos processos de educação em saúde. Enfim, as redes sociais podem ser utilizadas pelos enfermeiros como ferramenta para pesquisa, nas atividades acadêmicas, na formação de grupos *on-line* para envio de mensagens, para a discussão ou realização de intervenções (MESQUITA *et al.*, 2017).

Estudo que buscou analisar depoimentos de pessoas com HIV durante um acompanhamento em saúde, a partir do aplicativo *WhatsApp*®, observou que a atividade, por meio desta rede social, favoreceu a acessibilidade do usuário ao profissional, a comunicação aberta e imediata, segurança para a superação das dificuldades decorrentes do tratamento, além de compartilhamento de conquistas e comportamentos saudáveis (LIMA *et al.*, 2018).

Entretanto, quando se reposta a Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), é necessário compreender seu uso, tanto pelos profissionais da saúde, como pelos usuários. Para tal, é importante reconhecer características dos imigrantes e dos nativos digitais, expressões de referência na sociedade da cibercultura. Os imigrantes digitais, são as pessoas que não nasceram nesta era tecnológica (antes dos anos 1980), e por isso, não possuem tanta facilidade para manuseá-las, estando em constante aprendizagem. Já os nativos digitais, são aqueles que nasceram entre os anos de 1980 e 1994, ou seja, consideram as TICs como parte do seu cotidiano, utilizando-as para diversas funções, de maneira rápida e fácil.

Uma das faixas etárias que podem se beneficiar das redes sociais, nas atividades de educação em saúde, são os adolescentes, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1986), compreendem a faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade. Trata-se de uma fase de transformações físicas, psicológicas e sociais, o que demanda preparação

das equipes de saúde para atividades educativas de interesse dos mesmos (SANTOS *et al.*, 2014), visto que estes jovens, nativos digitais, estão cada vez mais conectados às mídias e tecnologias. Entende-se que a educação em saúde, quando realizada por meio dessas mídias, pode tornar-se mais atrativa para os adolescentes, além de reduzir os impasses relacionados com o tempo, espaço e distância, e possibilitar um alcance maior de indivíduos, visto que pode ser realizada em qualquer hora e local.

Assim, este estudo se justifica quando pretende apresentar uma proposta de educação em saúde, por meio do uso de uma rede social, o *WhatsApp*®. Neste movimento o estudo parte de dois questionamentos: Quais os assuntos que os adolescentes gostariam de discutir em um grupo de *WhatsApp*®? Quais as opiniões desses jovens sobre essa metodologia digital de educação em saúde?

O objetivo geral deste estudo foi avaliar a contribuição do uso de uma rede social como ferramenta de educação para a prevenção de agravos e promoção da saúde.

### **Metodologia**

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, norteado pelo método netnográfico, derivado da etnografia e trata-se de uma pesquisa “participante baseada em trabalho de campo *online*”. Neste método, as comunicações realizadas no ambiente digital não são tratadas como meros conteúdos, mas como interações sociais, expressões com significados culturais (KOZINETS, 2014, p.61).

Os participantes deste estudo foram adolescentes estudantes do 8º ano de uma escola privada localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A referida escola conta com duas turmas (aqui denominadas 1 e 2), de 8º ano, com 25 estudantes em cada, que totaliza 50 adolescentes.

Optou-se por esta faixa etária devido às diversas mudanças físicas, psicológicas, afetivas e sociais presentes nesta etapa da adolescência e pela dificuldade, observada empiricamente, em aproximá-los da atenção primária em saúde e da equipe de enfermagem e, também porque estão diretamente ligados às TICs e devido às Bases Nacionais Comuns Curriculares (BNCC) do 8º ano contemplarem assuntos de interesse ao que se propunha para a educação em saúde nesta etapa do ensino fundamental (BRASIL, 2017). Quanto aos Sistemas biológicos, Mecanismos reprodutivos e Sexualidade são objetivos da aprendizagem para o 8º ano: de acordo com as BNCC (BRASIL, 2017) são:

Reconhecer o corpo humano como um todo integrado, estabelecendo a estrutura, o funcionamento e as relações entre os sistemas biológicos (digestório, cardiovascular, respiratório, excretor e endócrino),

compreendendo a saúde como bem-estar físico, social, cultural e psíquico do indivíduo: [...] Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos; [...] Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso, [...] Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST); [...] Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas IST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção; [...] Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética).

Assim, os critérios de inclusão do estudo foram: ser adolescente e estudante do oitavo ano, matriculado e ativo na escola privada, situada na região urbana do município, escolhida para a realização da pesquisa, que possua acesso a rede social *WhatsApp*® e que, em conjunto com seus responsáveis, aceitem participar da pesquisa.

A primeira visita à escola teve o intuito de explicar o projeto ao diretor e solicitar autorização para a realização da intervenção. Após o aceite, o mesmo assinou o Termo de Instituição Coparticipante. Uma próxima visita foi agendada, de acordo com a disponibilidade da instituição, para o primeiro contato com os adolescentes, momento em que foi realizada a apresentação da pesquisadora e dos objetivos e demais informações sobre o projeto, sendo entregue para aqueles que manifestaram interesse, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que fossem lidos e assinados pelos seus pais e/ou responsáveis, caso ambos aceitassem participar.

Após essa conversa, foi agendada uma nova data para receber estes termos assinados, data essa acordada com os estudantes e direção da escola. Então, no segundo e último encontro com os adolescentes, foram recolhidos os TCLE assinados pelos responsáveis daqueles que tiveram o interesse em participar e então, foi solicitado o número de telefone com *WhatsApp*® para que fossem adicionados ao grupo de estudo e tivessem acesso ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e posteriores etapas da pesquisa.

Os grupos foram criados no aplicativo *WhatsApp*®, divididos por turmas participantes, onde somente a acadêmica e os adolescentes estudantes tiveram acesso. Assim, foram criados dois grupos, denominados de Grupo 1, com 10 estudantes e Grupo 2, com 11 estudantes e dado início a coleta de dados. Vale ressaltar, que foram criados dois grupos para melhor distribuição dos participantes e, tendo em vista a intimidade de cada turma, mas, foi aplicado o mesmo questionário para ambos.

A coleta dos dados ocorreu em três momentos distintos. Na primeira etapa, foi enviado, através dos grupos, um *link* referente a uma página do *Google Forms*, onde os adolescentes tiveram acesso ao TALE, termo destinado aos adolescentes, e ao primeiro questionário da pesquisa. Este questionário contou com perguntas abertas e fechadas, com o intuito de caracterizar o grupo pesquisado e identificar qual (is) assunto (s), relativo (s) à saúde, fosse de seu maior interesse (Infecções Sexualmente Transmissíveis, Gravidez na Adolescência, Métodos de prevenção à gravidez e ISTs, Atividade física e alimentação saudável, Violência física, psicológica e sexual na adolescência, Álcool e Drogas, Doenças crônicas na adolescência e/ou outros). Importante é ressaltar que, somente depois de ler e concordar com o termo (digital), era possível ter acesso ao questionário.

Em cada um dos grupos de educação em saúde, foi acordado com os participantes, um prazo para responder o questionário, visto que a atividade de educação em saúde seria realizada através da temática que mais fosse de interesse dos adolescentes, respondida neste instrumento.

Na segunda etapa, foram desenvolvidos momentos de educação em saúde sobre o principal tema escolhido pelas turmas, através dos grupos no *WhatsApp*®. O assunto mais votado foi Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), onde então, as discussões foram pautadas em informações do Ministério da Saúde, cartilhas e manuais científicos, devidamente referenciados, para conferir seriedade à atividade, acompanhadas de questionamentos para instigar os participantes a reflexões, discussões e troca de saberes. As atividades foram desenvolvidas em dias úteis, durante uma semana, em horário inverso ao das aulas dos participantes.

Finalizada essa etapa, foi, então, encaminhado um *link* aos participantes, via *WhatsApp*®, que correspondia a um novo questionário, através da mesma ferramenta, o *Google Forms*. Através dele, os adolescentes tiveram acesso a perguntas abertas que abordaram sobre sua opinião acerca do uso da rede social *Whatsapp*® para a realização de educação em saúde como a que participaram, qual a importância considerada a essa atividade para a sua aprendizagem e sugestões para melhorar este processo.

Para registro dos diálogos entre a pesquisadora e os participantes no aplicativo, foi usado uma planilha para transcrever as falas. Estas, juntamente com os dados dos dois questionários, foram analisadas por meio da análise de conteúdo do tipo temática (BARDIN, 2009). Para trazer as contribuições dos participantes para a pesquisa, os mesmos foram identificados por letras, quando referentes às discussões dos grupos, e por números, para as falas nos questionários.

A pesquisa respeitou a resolução 466/12 que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). A coleta de dados iniciou a partir da aprovação do comitê de ética, com parecer sob número 3.368.452. Foram fornecidos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos pais/responsáveis pelos estudantes, os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) aos adolescentes estudantes e Declaração de Coparticipante ao Gestor da escola participante.

## **Resultados e Discussão**

### *Caracterização dos participantes*

Participaram do estudo 21 estudantes, de um total de 50. Vale mencionar que na turma 1, 10 estudantes tiveram ambos os termos assinados e na turma 2, 11 estudantes. Quanto a idade e gênero, 75% informaram ter 13 anos e 61,9% ser do gênero feminino, respectivamente.

A maior parte dos adolescentes (66,7%) afirmou fazer uso da rede social *WhatsApp*® para estudar, com frequência diversificada, predominando respostas ‘às vezes’ e ‘diariamente’. Oportuno é salientar que, considerando as mudanças no estilo de vida que ocorrem com o uso de novas tecnologias, visto que adolescentes se comunicam e se relacionam por meio da *internet* e redes sociais digitais, pontua-se a necessidade de conhecer as interações realizadas por eles com a finalidade de orientá-los para o uso responsável dessas ferramentas (PORTUGAL;SOUZA, 2020).

### *O uso do Serviço de Atenção Primária à saúde*

Ao questionamento para os estudantes se frequentam as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e/ou Estratégias de Saúde da Família (ESF), 13 (61,9%) responderam que sim. Quanto à frequência, a periodicidade de seis meses, foi a resposta prevalente. Destes, 100% afirmaram ir até estas unidades acompanhados, principalmente, pela mãe e/ou pai.

Uma pesquisa (Silva *et al.*, 2023) que buscou analisar a procura e a utilização dos serviços de saúde por adolescentes brasileiros, em uma amostra de 124.898 adolescentes, quanto à procura por algum serviço de saúde foi relatada por 56,56% destes positivamente, sendo menor entre o sexo masculino. A Unidade Básica de Saúde foi procurada por 74,08% dos adolescentes. O principal motivo da procura pela Unidade Básica de Saúde foi a vacinação (27,93%).

Esse último dado pode ser justificado em virtude de os adolescentes, em geral, não conhecerem os serviços que são ofertados nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs) e/ou por estas unidades não realizarem ações específicas para esta faixa etária, por baixa

iniciativa por parte dos profissionais da rede, como se observa, empiricamente, na prática em saúde.

Pergunta que buscou investigar quais profissionais da saúde estes adolescentes procuram e por qual motivo o fazem, identificou que nenhum deles busca pelo enfermeiro. O mais procurado, citado por 13 estudantes (68,4%) é o médico, seguido do dentista (15,8%); 10,5% responderam que buscam outro profissional, sem citar qual, e 5,3% referiram procurar o técnico/auxiliar de enfermagem.

Quanto aos motivos da procura por estes profissionais, referindo-se ao médico, os estudantes entendem que é o profissional ‘mais especializado’ e que o dentista é procurado para revisão dos dentes. Quanto aos outros profissionais nada foi expresso. Entretanto, grande parte dos participantes conhecem o Enfermeiro, visto que 13 estudantes (72,2%) responderam que já haviam sido atendidos por este profissional e avaliaram o atendimento, em sua maioria, com escores “bom” e “ótimo”.

#### *As atividades de Educação em Saúde no cotidiano escolar*

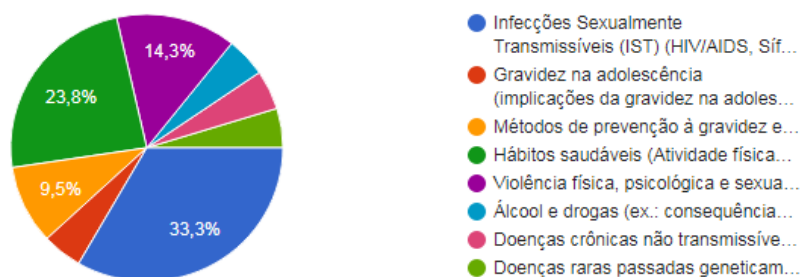
A maioria (81%) dos estudantes nunca havia participado de uma atividade de educação em saúde. Dos 19% que responderam já ter participado, três relataram ter sido por meio de palestra e um não respondeu. Sobre quais profissionais realizaram a atividade de educação em saúde, dois responderam que foi o enfermeiro, um respondeu que foi o dentista e um respondeu que a palestra foi proferida por estudantes de enfermagem. Quanto aos assuntos que foram tratados, escovação de dentes; importância de ir ao médico e prevenções em geral foram respostas mais citadas.

Com o objetivo de descrever a percepção de enfermeiros que atuam na Atenção Básica sobre as ações de educação em saúde direcionadas aos adolescentes, uma pesquisa identificou que, na maioria das vezes, os enfermeiros realizam ações educativas somente de caráter informativo que pouco estimulam o autocuidado dos adolescentes com a sua saúde. O Programa Saúde na Escola é apontado pelos enfermeiros como referência na elaboração de estratégias de educação em saúde, especialmente pelas dificuldades advindas da baixa procura deste público pelos serviços de saúde e pela deficiência de estratégias educativas para trabalhar esse processo com eles (COSTA *et al.*, 2020). Esses dados demonstram um panorama não muito animador quanto ao processo de educação em saúde desenvolvido por esses profissionais junto a adolescentes e aponta para um desafio a ser melhorado na prática destes profissionais.

#### *A construção de saberes por meio do WhatsApp®*

Ao questionamento sobre qual(is) assunto(s) eram de interesse dos adolescentes para discussão em grupos de *WhatsApp*®, o assunto prevalente, marcado por sete estudantes (33,3%), foi Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), seguido por Atividade física e Alimentação saudável (23,8%), selecionada por cinco estudantes; três marcaram Violência física, psicológica e sexual na adolescência (14,3%); dois manifestaram interesse sobre métodos de prevenção à gravidez e ISTs (9,5%). Interessante sublinhar que um aluno (4,8%) identificou que gostaria de saber sobre Doenças raras e genéticas. Gravidez na Adolescência, álcool e drogas e doenças crônicas não transmissíveis na adolescência, foram os temas menos escolhidos, semelhante a uma revisão bibliográfica, a qual apontou que os temas trabalhados nesta fase perpassam por dois grandes temas: sexualidade e violência, além das discussões sobre uso de drogas, higiene pessoal, desnutrição, entre outros (ASSUNÇÃO *et al.*, 2020).

**Figura 1** - Frequência dos assuntos de maior interesse para educação.



Fonte: Os autores, 2019.

Diante desses resultados e, conseqüentemente, após todos estudantes terem respondido ao Questionário I, iniciou-se então, a segunda etapa da pesquisa. No entanto, antes de dar início às atividades educativas sobre a temática ISTs (assunto mais escolhido pelos estudantes) através dos grupos no *WhatsApp*®, foram combinadas algumas considerações éticas com os participantes. Primeiramente, foi exposto qual foi o assunto mais votado e, acordado que este seria o assunto trabalhado, mas que, finalizado o período de educação em saúde e respondido o Questionário II, os demais temas poderiam ser abordados, caso tivessem interesse.

Foi firmado um compromisso com o grupo, de respeito e consideração por todas as falas dos colegas e do facilitador (assim optou-se por chamar o interlocutor/pesquisador). Também foi ressaltado sobre a importância da participação dos mesmos, com questionamentos, ou com o conhecimento que eles possuíam sobre o assunto em discussão, além de lembrá-los que enviar as dúvidas no grupo era importante, visto que podia ser a mesma dúvida de outros, mas se, por algum motivo, se sentissem



constrangidos em questionar algo, havia a possibilidade de chamar no ‘modo privado’, fora do grupo de discussão, que suas dúvidas seriam solucionadas de modo sigiloso.

Além disso, foi ressaltado que todas as informações ali compartilhadas, estavam fundamentadas em dados do Ministério da Saúde e que, teriam como finalidade, orientar, estimular o empoderamento dos indivíduos e a prevenção, mas que não substituem consultas presenciais com profissionais da saúde e nem como meio de diagnóstico.

Acordos e combinações assim, foram consideradas importantes para melhor organização das atividades. Autores também indicam, antes do início das atividades, a construção coletiva de uma espécie de “contrato de convivência”. O organizador da atividade e os participantes podem elencar fatores que possam interferir negativamente nas atividades, e então, sugerir ideias para solucioná-las, gerando assim, o contrato; importante para organizar o processo, tendo em vista que é preciso ter “clareza sobre o tempo de duração da atividade, os momentos de fala de cada pessoa e as formas permitidas de comunicação neste espaço de aprendizado” (PAULINO *et al.*, 2018, p.177).

Foram cinco dias de atividades de educação em saúde, assim organizados:

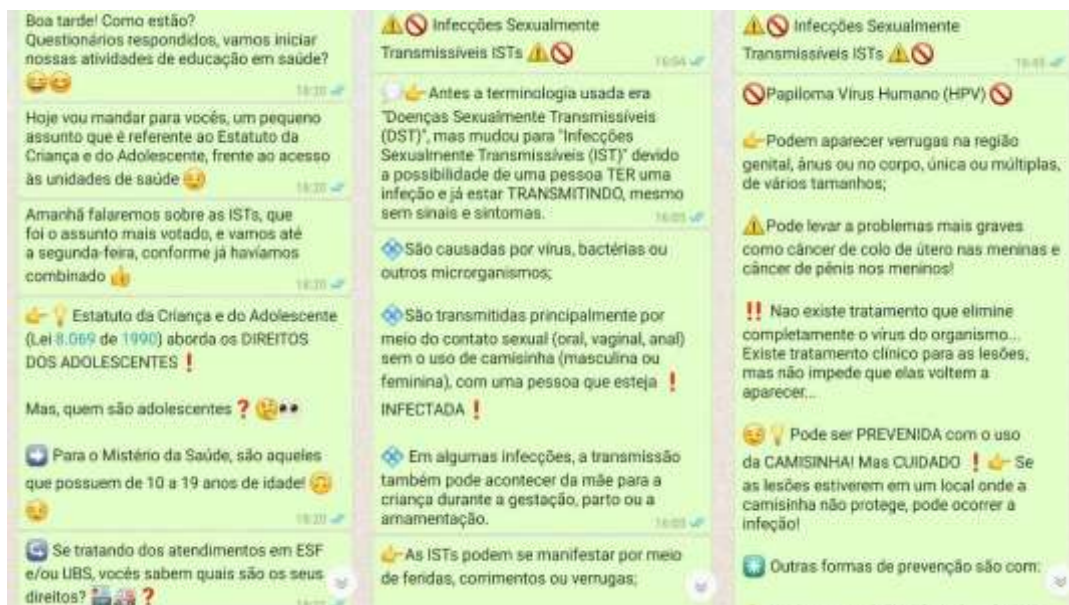
**Quadro 1-** Temas desenvolvidos de educação em Saúde

Dia 1	Direitos e acesso dos adolescentes às Unidades Básicas de Saúde (UBS)
Dia 2	Introdução ao assunto ISTs (terminologia, principais ISTs, formas gerais de transmissão e outras informações relevantes)
Dia 3	Causas, transmissão, prevenção, sintomas, tratamento sobre as ISTs do tipo Herpes, Papiloma Vírus Humano (HPV) e Gonorréia
Dia 4	Causas, transmissão, prevenção, sintomas, tratamento sobre as ISTs do tipo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Sífilis e Hepatites Virais B e C
Dia 5	O que são os Testes Rápidos, quais ISTs diagnosticam, como funcionam e onde buscar, revisão sobre as principais formas de prevenção das ISTs

Fonte: ou autores, 2019

As atividades foram dispostas em formato de pequenos textos, com os tópicos mais importantes, onde foram abordados cada dia uma parte, sendo cada um, finalizado por questionamentos que instigavam a participação dos mesmos.

**Quadro 2-** Exemplos de temáticas abordadas



Fonte: os autores, 2019

Os adolescentes foram participativos desde a criação do grupo, entretanto, o Grupo 1 foi mais ativo no que tange a questionamentos, em comparação com o grupo 2. Durante os cinco dias de atividades, os adolescentes mostraram-se interessados na temática e dispostos a solucionar suas dúvidas

*Quem tem algum tipo de IST, pode engravidar depois de contrair a doença?” e “HIV tem cura? (Aluno A)*

*Como que a mãe de uma criança transmite a IST pela amamentação? (Aluno G)*

*Então não se pode compartilhar o alicate de unha?” e “Qual é a hepatite que é transmitida por lâminas de barbear? (Aluno K)*

Além disso, durante as conversas, foi possível identificar que estavam atentos às informações, quando respondiam de imediato aos questionamentos realizados

*Já tinha ouvido falar em todas [quanto às ISTs trabalhadas] mas não sabia o significado de algumas, muito boa a explicação. (Aluno D)*

*Não [resposta à pergunta se conheciam os Testes Rápidos], na verdade estava por fora de tudo, é bom saber sobre. (Aluno H)*

A adolescência é uma fase de muitas dúvidas, questionamentos e incertezas, como visualizado nos comentários e perguntas realizadas nos dois grupos de educação em saúde. Nesta era digital, muitos utilizam-se da *internet* e mídias para sanar dúvidas, no entanto, nem sempre são informações confiáveis e/ou compreensíveis.

Assim, entende-se que, o uso de mídias para educação em saúde por profissionais da área, principalmente as que permitem a interação com comentários e questionamentos, são excelentes ferramentas que, além de aproximá-los dos profissionais e das ações de promoção da saúde e prevenção à doenças e agravos, podem servir como subsídio confiável para os adolescentes frente às suas incertezas. Isto se confirma, quando, além

dos estudantes manifestarem opiniões positivas sobre a atividade, um deles evidenciou a importância da interlocutora/pesquisadora durante as discussões

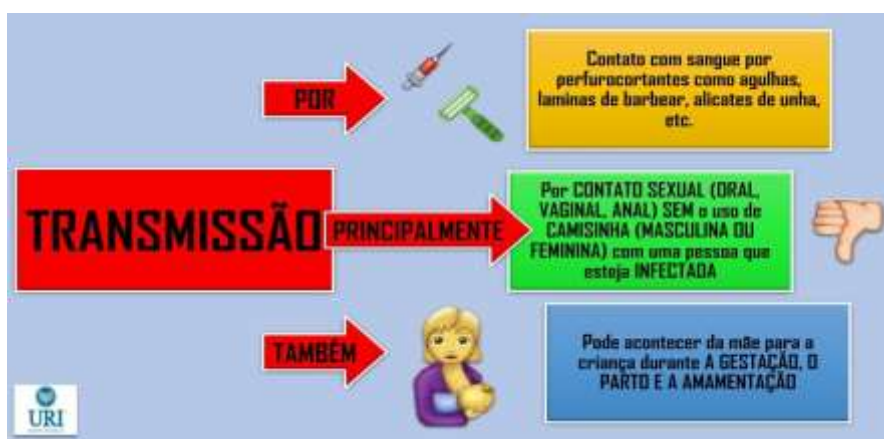
*Bom, foi a primeira vez que participei e achei muito bom, descobri várias coisas q eu n sabia, além disso tínhamos no grupo uma ótima "instrutora" que tirava todas as dúvidas (Aluno 9)*

Para Dourado *et al.* (2021) as tecnologias têm crescido de forma acentuada no cenário mundial, sendo as de conformação educativa bem aceitas como estratégia para auxiliar a produção do cuidado e, com grande influência na produção desses materiais, os enfermeiros tem se destacado no desenvolvimento de ações educativas com adolescentes.

As intervenções em formato de oficina, sob o uso de materiais impressos e especialmente de ferramentas eletrônicas, têm se reportado como estratégia pedagógica potencializadora para o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, viabilizam a abordagem de questões complexas inerentes ao adolecer, tornando os indivíduos protagonistas para o reconhecimento de suas vulnerabilidades em saúde (DOURADO *et al.*, 2021, p.254).

Ao finalizar as atividades, foi disponibilizado aos adolescentes, uma cartilha *online* com um resumo dos assuntos que foram abordados (ver figura 3), para que os mesmos pudessem acessar de forma prática, quando tivessem dúvidas e também, para que compartilhassem com as pessoas de seu convívio social. É notório que a divulgação de informações pela *internet*, em comparação com meios físicos, como panfletos, por exemplo, é um meio bem mais fácil de garantir um bom alcance dos usuários. Entretanto, deve-se considerar as condições de acesso da população a ser abordada. Pessoas cujo acesso à *internet* ainda não é garantido, os usos de panfletos podem ainda, ser uma alternativa para garantir que as informações sejam recebidas (PAULINO *et al.*, 2018).

**Figura 2** - Ilustração de parte da cartilha *online* sobre a temática



Fonte: Os autores, 2019.

Neste mesmo dia em que foi disponibilizado a cartilha, os adolescentes foram convidados a responder ao Questionário II, para verificar qual a opinião deles sobre a atividade realizada. Dos 21 estudantes, 17 responderam às perguntas. Na pergunta que buscou identificar a opinião dos adolescentes sobre o uso do *WhatsApp*® para a realização

de atividades de educação em saúde como a que participaram, todas as 17 respostas foram com relatos positivos

*É muito melhor que de outras formas, porque é bem melhor a acessibilidade.*

(Aluno 2)

*Eu achei bem legal e diferente, nunca tinha participado de uma atividade assim.* (Aluno 4)

Através dos relatos dos adolescentes, foi possível visualizar que os mesmos ficaram satisfeitos com o uso de uma ferramenta *online* de seu cotidiano para aprender mais sobre assuntos importantes desta fase que estão vivenciando. Trata-se de um dado importante, tendo em vista a dificuldade de aproximá-los do enfermeiro e de chamar a atenção para as atividades de educação em saúde.

Neste sentido, o uso do *WhatsApp*® para educação em saúde é uma atividade de fácil realização, de baixo custo, com potencial didático, que possibilita um espaço de interações, com diálogo rápido e dinâmico, pelo fácil acesso e alta popularidade, o que favorece a aproximação dos participantes. “A informação é compartilhada de forma compacta e instantânea, nos formatos de texto, áudio e vídeo em alta resolução. Outra função que merece destaque é a criação de grupos” (SANTOS *et al.*, 2021, p.4).

Diante do questionamento sobre a atividade de educação em saúde e a importância para sua aprendizagem, dos 17 estudantes que responderam, 15 (88,2%) marcaram que foi importante. Quanto a justificativa dessa resposta, terem aprendido sobre assuntos que não tinham conhecimento, foi prevalente

*Porque aprendi muitas coisas que eu não sabia.* (Aluno 1)

*Eu adorei. Com essa atividade eu aprendi mais sobre assuntos sérios.* (Aluno 5)

Nestas justificativas, os estudantes mostraram que a atividade de educação em saúde atingiu seus objetivos principais, que são a promoção da saúde e a prevenção de doenças e agravos, gerando autonomia e empoderamento dos sujeitos. Ações que consigam despertar a atenção dos adolescentes e agregar conhecimentos são de extrema relevância, levando em consideração que, quanto mais saberes os adolescentes tiverem sobre causas que podem lhe afetar, maior é a probabilidade dele ser ativo e ter autonomia diante de seus atos e de sua vida (SANTOS *et al.*, 2016).

Neste sentido, o uso de mídias sociais, como *WhatsApp*®, *Facebook*®, *Instagram*®, entre outras redes sociais oferecem benefícios quanto a socialização de temas/assuntos para educação em saúde, promoção de mudanças positivas de comportamento e participação, além de auxiliar na identificação de risco e atuar como uma plataforma de comunicação e apoio entre indivíduos que passam por uma mesma situação ou que querem atualizar-se, além de que servem de podem ser usadas por

professores para tornarem suas aulas mais atrativas e em consonância com a era dos nativos digitais (FONTANA et al, 2020; FONTANA; BARBOSA; WACHECOWSKI, 2020)

*Pois, eu pude entender mais sobre, e caso um dia precise, não irei ter dificuldades para fazer o que se deve ou o que não deve. (Aluno 2)*

*Aprendi várias coisas que serão importantes no futuro, e também para ajudar alguém que tenha dúvida sobre esse assunto. (Aluno 12)*

Foi perguntado aos adolescentes se, após esta atividade, eles iriam buscar o enfermeiro para consultas e/ou orientações. Foi manifestado por 11 (64,7%) que sim e 6 (35,3%) que não.

Nas justificativas dos que marcaram “sim”, foi possível visualizar que os mesmos entenderam que, além da atividade de educação em saúde ter sido elaborada para aprimoramento dos conhecimentos sobre a temática estudada, a mesma tinha o intuito de expor a eles algumas das funções do enfermeiro que, conforme a Lei 7.498 de 25 de Junho de 1986, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências, são a consulta de enfermagem com acolhimento e escuta, orientações, atividades de educação aos usuários, prevenção de agravos, entre outras (BRASIL,1986)

*Por que parece que eles têm mais "inteligência" para essas coisas. (Aluno 1)*

*Pois ele também tem especialização sobre o assunto. (Aluno 12)*

*Para não correr risco de doenças e prevenir de ter filhos. (Aluno 13)*

Dos que responderam que não iriam buscar o enfermeiro, as justificativas foram em relação a sua saúde atual, mas não diretamente quanto ao profissional, como relatado

*Pois por enquanto ainda não estou precisando, as informações que aprendi nesse grupo são o suficiente por enquanto. (Aluno 2)*

Quanto a sugestões para melhorar esse processo de educação em saúde pela rede social *WhatsApp*® ou outra sugestão que os adolescentes achassem pertinentes, 16 responderam, sendo que duas respostas foram com sugestões sobre usar textos menores. As demais respostas (por 14 estudantes) foram ‘sem sugestões’. Elogios sobre a forma como foi realizada a atividade, foi assunto recorrente

*Realmente pra mim está bem lgl, eu achei q n iria ter vontade de ler sobre o assunto abordado mas achei interessante e gostei bastante. Acho q n tenho nenhuma sugestão q possa melhorar, pq pra mim já está bem bommm. (Aluno 3)*

*Não, estava muito bem elaborado. (Aluno 9)*

*Acho ótimo do jeito que está. (Aluno 14)*

*Não, achei bem legal esse projeto e na minha opinião n precisa mudar nada. (Aluno 15)*

Isto posto, pode-se perceber a significativa importância do Enfermeiro nesta nova realidade digital. Vale ressaltar, no entanto, que é necessário estabelecer a confidencialidade entre as partes, a fim de proteger a privacidade do usuário e garantir

uma assistência livre de riscos (SANTOS *et al.*, 2016). Neste movimento, os estudantes dos cursos de saúde devem ser estimulados à ações dessa natureza.

### Considerações Finais

Pode-se inferir que o *WhatsApp*® pode ser utilizado pelos enfermeiros como uma ferramenta para aproximar adolescentes às atividades de educação em saúde e a esse profissional. É um meio prático e fácil de realizar ações educativas para esta faixa etária, tendo em vista que é de uso cotidiano dos mesmos, o que estimula a participação. A proposta foi bem recebida, com participação ativa dos estudantes, sob questionamentos e considerações e, com avaliações positivas.

São necessários estudos que expressem experiências do uso desta ferramenta para atividades de educação em saúde e de aproximação das redes, bem como a implementação de programas específicos para essa população, com desenvolvimento de atividades para esta faixa etária, abordando temáticas de seu interesse, com o auxílio de metodologias ativas e recursos das tecnologias de informação e comunicação.

Para isso, necessita-se de profissionais capacitados, atentos e motivados a ouvir os anseios, trocar saberes e empoderá-los. Assim, sugere-se que inovações como essas sejam estimuladas em sala de aula, durante a formação dos profissionais da saúde, como forma de apresentar diferentes formas de realizar atividades de educação em saúde.

### Referências

ASSUNÇÃO, M.L.B. *et al.* Educação em saúde: a atuação da enfermagem no ambiente escolar. **Rev enferm UFPE on line**, v.14:e243745, 2020. DOI: 10.5205/1981-8963.2020.24374

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

BRASIL. Lei no 7.498, de 25 de junho de 1986. **Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e dá outras providências**. Brasília, 1986

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. **Glossário temático: Gestão do trabalho e da educação na saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2. ed., 2013, 46 p. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario\\_tematico\\_gestao\\_trabalho\\_educacao\\_saude\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_gestao_trabalho_educacao_saude_2ed.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 23 maio. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Departamento passa a utilizar nomenclatura "IST" no lugar de "DST"**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/ptbr/noticias>>. Acesso em: 26 mar. 2019

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 21 maio. 2020.

COSTA, T.R.L. *et al.* Educação em saúde e adolescência: desafios para estratégia saúde da família **Cienc Cuid Saude**, v.19:e5572, 2020.

DOURADO, J.V.L. *et al.* Tecnologias para a educação em saúde com adolescentes: revisão integrativa. **Rev. enferm.** [on-line]. v.39, n.2 pp.235254, 2021. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v39n2.85639>

FONTANA, R.T. *et al.* Educação digital em saúde: uma experiência online. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 9, pág. e532997460, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7460>

FONTANA, R.T.; BARBOSA, S.SN., WACHECOWSKI, G. As metodologias usadas no ensino de enfermagem: com a palavra, os estudantes. **Educ. rev.** 36, 2020 <https://doi.org/10.1590/0102-4698220371>

KOZINETS, R.V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

LIMA, I.C.V. *et al.* Uso do aplicativo Whatsapp no acompanhamento em saúde de pessoas com HIV: uma análise temática. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 22, n.3; p. 1-6, abr., 2018.

MESQUITA, A.C. *et al.* As redes sociais nos processos de trabalho em enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v.51; p.1-12, mar., 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342017000100800&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342017000100800&lng=en)>. Acesso em: 9 mar. 2021.

PAULINO, D.B. *et al.* WhatsApp® como recurso para a educação em saúde: contextualizando teoria e prática em um novo cenário de ensino-aprendizagem. **Rev Bras Educ Med.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1; p. 169-178, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1RB20170061>>. Acesso em: 30 out. 2020.

PORTUGAL, A.F.; SOUZA.J.C.P. Uso das redes sociais na internet pelos adolescentes: uma revisão de literatura., **Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, ano 4, v. IV, n. 2, p. 262-291, 2020.

SANTOS, J.S. *et al.* Educação em saúde na adolescência: contribuições da Estratégia Saúde da Família. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, v.14,

n.1; p. 20-26, jul. 2014. Disponível em: <[https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol14-n1/v14\\_n1\\_artigo\\_pesquisa\\_3.pdf](https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol14-n1/v14_n1_artigo_pesquisa_3.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SANTOS, J.C. *et al.* O uso do aplicativo móvel *whatsapp* na saúde: revisão integrativa **Rev Min Enferm.**, v.25, p.e-1356, 2021. DOI: 105935/1415-2762-20210004

SANTOS, G. *et al.* Buscando informações em saúde online: Estratégia de enfrentamento dos adolescentes com doenças crônicas. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. Porto, Portugal, v.4; p.33-38, out., 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0138>>. Acesso em: 31 out. 2021.

SILVA, A.G. *et al.* Procura e utilização dos serviços de saúde por adolescentes brasileiros, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2019. **Rev Bras Epidemiol**. 2023; v.26(Suppl 1): e230008, 2023. <https://doi.org/10.1590/1980-549720230008.supl.1.1>

WHO. World Health Organization. **Young People's Health** - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

Submissão: 10/07/2023. Aprovação: 20/06/2024. Publicação: 20/08/2024.